

IMPERÍCIA NA PERÍCIA

O erro que pôs uma família sob suspeita



Após perder Hartmann e Ivany (no alto, com um neto), os filhos (ao lado, com o pai e uma neta dele) travaram uma batalha que, diz Cicero (acima), resgatou o nome da família



CARLOS ETCHICHURY

Como de costume, Cirio Hartmann e Ivany Therezinha Hartmann deixaram os vidros fechados e as venezianas abertas quando saíram para jantar, na Praia da Barra, em Garopaba. Duas horas depois, ao retornar, o casal gaúcho foi surpreendido por dois homens. Um deles, armado, mantinha-se a 40 centímetros de Hartmann – o suficiente para escapar de uma investida da vítima, um homem de 1m82cm, mas próximo o bastante para um disparo fatal. Ivany viu um “comportamento arrogante” no criminoso. Outro jovem seguia afastado, arma em punho.

– O que vocês querem? A casa está aberta, o carro está ali – chegou a dizer Ivany. Em tom de brincadeira, enquanto retirava

lentamente a mão do bolso para entregar a chave do veículo, Hartmann perguntou:

– Vocês querem me matar?

Então um dos rapazes disparou. Procurador aposentado, Hartmann morreu em 11 de dezembro de 2004. Essa é a parte conhecida da história. Mas o drama da família não terminou ali. Prolongou-se por sete anos, por causa de um erro do Instituto de Criminalística de Santa Catarina.

Na polícia, Ivany contou os detalhes do crime. Procuradora aposentada e advogada como o marido, ela revelou algo aparentemente desimportante aos investigadores: que o marido mantinha uma arma em casa, em Porto Alegre, a 400 quilômetros de distância do local do assassinato.

Na capital gaúcha, na companhia dos filhos Stella, a mais velha, Cicero, o do meio, e

Alexandre, o mais moço, Ivany juntava forças para superar a perda do companheiro com quem viveu por 47 anos. Encontrou energia para ajudar a fundar a ONG Chega, de luta contra a violência.

Tiro veio de arma da família, diz laudo

Em março veio o primeiro sinal de que a Justiça estava sendo feita. No presídio de Imbituba, ao deparar com sete suspeitos apresentados pela polícia, Ivany apontou Fábio Vianna da Silveira como um dos assassinos.

Embora permanecesse aberta a ferida da perda do companheiro, Ivany estava confiante. A esperança começou a se transformar em sofrimento quando o advogado do

suspeito pediu à Justiça a realização de uma perícia no revólver de Hartmann. Guardada no quarto do casal, em Porto Alegre, o Rossi calibre 38 foi entregue em junho de 2005.

Aos poucos, amparada pelos filhos, netos e amigos, Ivany rompia o luto. Enquanto peritos manuseavam a arma de Hartmann, em Santa Catarina, ela submetia-se a uma pequena intervenção cirúrgica. No dia seguinte ao procedimento, sofreu uma parada cardíaca e morreu.

Às 8h45min de 27 de julho, um chamado surpreendeu Cicero. Do outro lado da linha, o delegado responsável pelo caso:

– Doutor Cicero, saiu o resultado da perícia. Deu positivo. A arma do seu pai foi utilizada para matá-lo – falou Anibal Geremia.

Com a única testemunha morta, e um exame técnico assinado pela peritas Sidneia

As digitais da arma

Cada armamento deixa uma marca característica no projétil:



Na fabricação, sulcos são feitos dentro do cano da arma para dar orientação ao projétil

Esses sulcos marcam o projétil no momento do disparo



Essas linhas são características do cano de cada arma e se reproduzem no projétil que passa pelo cano

A perícia

● Quando é solicitada uma perícia, essas linhas servem de base de comparação

● Para ter um projétil padrão, que possa ser comparado com o projétil apreendido, os peritos disparam a arma para verificar se as marcas são idênticas

● Se o resultado for positivo, significa que o projétil foi mesmo expelido pela arma em questão. O exame tem 99,9% de confiabilidade

Mansanari e Mariângela Ribeiro lançando suspeitas sobre a família, Cicero viu-se diante de um pesadelo.

– Naquela noite, eu me abracei na minha mulher e chorei.

De um dia para outro, a história de vida dos pais, motivo de orgulho para os três filhos, era colocada sob suspeita por uma prova que ele sabia estar errada.

– O revólver nunca saía de casa. Era impossível que tivesse sido utilizado – recorda.

Quando o resultado da perícia tornou-se público, eles passaram a conviver com fuxicos. Sabiam que pessoas lançavam dúvidas sobre a família. A luta pela condenação do suspeito, identificado por Ivany, tornara-se secundária. Os Hartmann engajaram-se em outra jornada: resgatar a integridade.

O advogado Jader Marques, contratado

pela família, iniciou uma batalha judicial. Com o laudo, solicitou que o perito Domingos Tocchetto analisasse o material. Em um parecer, Tocchetto alertou para imprecisões no trabalho das peritas. Disse ser impossível afirmar que o projétil partira do 38 de Hartmann. Diante dos indícios técnicos produzidos pelo IGP de Santa Catarina, supostamente irrefutáveis, Fábio Vianna da Silveira, único réu, não poderia ir a júri.

Novos testes põem fim ao pesadelo

Ao longo de seis anos, Jader buscou o direito de realizar nova análise. O constrangimento era tal que Stella e Cicero, integrantes do Chega, afastaram-se do movimento.

Produzida pelo Instituto de Criminalística de Santa Catarina, a imagem abaixo faz parte da perícia que aponta que a arma responsável pela morte de Cirio Hartmann pertencia à vítima.

A pedido da família, as imagens foram analisadas pelo perito Domingos Tocchetto.

Ele constatou que as estrias existentes no projétil encontrado no corpo da vítima (figura 1) não coincidem com as existentes no projétil testado pela arma de Hartmann

Conforme Tocchetto, perito aposentado contratado pela família, a arma e o projétil analisado são “totalmente divergentes”.



Outras duas perícias, realizadas pelos IGPs de São Paulo e Paraná, confirmaram que o tiro que matou Hartmann não partiu de sua arma.

ENTREVISTA

Sidneia Mansanari, perita do Instituto de Criminalística de Santa Catarina

As explicações de uma perita

Sidneia Mansanari, uma das peritas responsáveis pelo laudo que diz que Cirio Hartmann foi morto com a sua própria arma, falou sobre o caso.

O que justifica os resultados opostos nas perícias?

Sidneia Mansanari – Avaliamos a peça, com a equipe de São Paulo, e retificamos o resultado porque não há elementos de confronto positivo (o projétil que matou Hartmann não saiu da arma dele). É a primeira vez que aconteceu isso. O que nos leva a pensar no tempo entre os exames. Praticamente sete anos. No momento da realização do exame, a gente via elementos que davam positividade. Hoje, esses elementos realmente não eram positivos. Esse projétil não tem mais os microestriamentos.

Por que não tem mais?

Sidneia – Pelo tempo, pode oxidar. O próprio protocolo de lacração das peças é questionável.

Qual protocolo é questionável?

Sidneia – Ele (o projétil) sai do instituto, vai para o fórum, para a delegacia de polícia. No meio do caminho, alguma coisa pode acontecer. Pode acontecer.

Existem três perícias oficiais, feitas com os mesmos elementos...

Sidneia – Alguém te deu essa garantia? A gente não pode ser ingênua.

O Estado de Santa Catarina não resguarda os indícios de um crime?

Sidneia – É o que eu estou te falando. Mais do que isso, não sei.

Pode ter havido erro na perícia?

Sidneia – Claro que pode ter havido, sempre existe essa possibilidade.

Como avalia o episódio?

Sidneia – É traumático. Quando você procura fazer um trabalho técnico, científico, em prol do cidadão, não quer incriminar nem X, nem Y. Você só quer ser justo.

diario.com.br

Em vídeo, perita de criminalística explica como funciona o teste de balística e comenta resultado apresentado no caso Hartmann

REVIRAVOLTA NO CASO HARTMANN



2004

● Cirio Clemente Hartmann, 69 anos, é assassinado em 11 de dezembro de 2004, na casa de veraneio em Garopaba. Ele foi atacado ao chegar com a mulher, Ivany Therezinha Assmann Hartmann, 63 anos, depois de um jantar (ao lado, o casal, em foto antiga). Conforme relato de Ivany, dois homens surgiram no pátio. Hartmann teria oferecido seu veículo. Acabou atingido no coração. A dupla fugiu.

2005

● Em março, Fábio Vianna da Silveira, 25 anos, é preso em Balneário Camboriú. Denunciado por outro assalto em Garopaba, na véspera do assassinato, ele é reconhecido pela viúva. Em junho, Ivany tem uma parada cardíaca e morre em Porto Alegre. Era a única testemunha do caso.

● Em julho, a perícia conclui que um revólver 38 que

Hartmann mantinha em Porto Alegre foi a arma utilizada no crime. O MP descarta a participação de Fábio Vianna da Silveira. No mês seguinte, um parecer técnico do perito Domingos Tocchetto, contratado pela família, alerta para a existência de erro de interpretação na perícia. A juíza Eliane Alfredo Cardoso Luiz, de Garopaba, retira a perícia particular do processo e deixa Silveira livre do julgamento pelo júri.

A partir de agosto de 2005

● A família Hartmann luta na Justiça pelo direito de ser realizada uma nova análise na arma. Por causa da retirada da perícia particular dos autos, o Tribunal de Justiça catarinense decide anular o processo, o que permite solicitar um novo exame ao próprio Instituto de Perícias de Santa Catarina. A instituição mantém sua conclusão anterior, sem fazer nova análise.

2011

● Em 15 de março, o TJSC decide que nova perícia deve ser realizada. O Instituto de Criminalística do Paraná faz a análise e diz que a arma da família Hartmann não foi a mesma empregada no crime. Como a perícia, por ordem do TJ, deveria ser realizada em São Paulo, um novo laudo é solicitado. O resultado paulista, anunciado em 26 de setembro, é

Daqui para a frente

idêntico ao do Paraná.
● Com a credibilidade do Instituto-geral de Perícia de Santa Catarina abalada, o diretor-geral do órgão, Rodrigo Tasso, afirma que uma sindicância será aberta para investigar onde ocorreu a falha. As peritas, diz, poderão ser punidas por disciplicência. Nos últimos três meses, depois de identificado o erro, o IGP adotou novos procedimentos. Todo projétil pas-